

RELATOS MONÇOEIROS : VISÃO DOS TRAJETOS POR HOLANDA E TAUNAY - DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NOS SÉCULOS XVII E XVIII*

COLLE, Paulo **

Introdução

A partir de uma bibliografia específica, como Holanda (1990) e Taunay (1981) acerca dos relatos monçoeiros, faço um estudo preliminar abordando os séculos XVII e XVIII.

Num primeiro momento faço uma introdução sobre as diferenças e semelhanças de dois sujeitos históricos, monçoeiros e bandeirantes, para depois focar os relatos monçoeiros presentes nas obras relacionadas.

No segundo momento discorro sobre a trajetória e os caminhos percorridos pelos que se arriscavam na busca de mão-de-obra e de ouro. Num terceiro momento abordo os perigos encontrados pelos monçoeiros em suas expedições, e para finalizar busco discutir algumas nações indígenas resistentes ao europeu, vistas, por esse olhar do colonizador, como inimigas das monções.

Introdução sobre as monções

Ao adentrarmos na história da América Portuguesa, vemos a importância econômica dos bandeirantes paulistas e monçoeiros para a Coroa portuguesa. Essas expedições derivavam de caráter mercantil, da caça aos índios para a mão-de-obra escrava e a procura de riquezas minerais na colônia. Esses foram motivos que podem explicar o adentrar ao interior do Brasil.

Como observa Holanda (1990), para falarmos das monções é necessário compreendermos as bandeiras paulistas. Elas foram expedições de caráter mercantil que buscavam produtos comerciáveis. Com isso adentravam ao sertão rompendo a linha divisória do Tratado de Tordesilhas.

As bandeiras são conhecidas como entradas de paulistas em regiões indígenas. Os caminhos que essas expedições seguiam eram realizados por meio de terras trilhadas por indígenas que ali se encontravam. Por várias vezes, como forma de “cordialidade” ou mesmo

* Pesquisa de iniciação científica, sob orientação da Profa. Dra. Maria Celma Borges.

** Acadêmico do Curso de História, CPTL/UFMS, bolsista de Iniciação Científica, FUNDECT/MS.

por sobrevivência, no trabalho de Costa (1999), vemos indígenas Guarani sendo guias de expedições e contribuindo com o europeu nos caminhos a procura das minas.

Um dos grandes motivos dos paulistas bandeirantes adentrarem na região sul de Mato Grosso, no século XVIII, foi a caça ao indígena, que era de grande importância para a lavoura paulista, segundo Siqueira, Costa e Carvalho:

(...) as bandeiras foram expedições organizadas com a finalidade primeira de caçar índios, objetivando vendê-los, posteriormente, como mão-de-obra escrava. Esta prática de se ter índio como mercadoria para comercializá-lo, nasceu no planalto Piratiningano e dele foi característico. (SIQUEIRA, COSTA, CARVALHO. 1990. p.7)

É importante saber que as expedições monçoeiras se diferenciavam das bandeiras paulistas na concepção do trajeto, pois nas primeiras os rios eram utilizados por sua preferência.

Em “Relatos Monçoeiros”, de Afonso D’Escagnolle Taunay, o autor acredita que essas expedições eram uma continuação, ou seja, um “prolongamento” das bandeiras, cujos objetivos não mudavam tão consideravelmente e onde os monçoeiros sofriam os mesmos problemas de conflitos com indígenas, principalmente com os Mbayá-Guaicuru. Entre bandeirantes e monçoeiros haviam poucas alterações, como sugere Holanda:

A história das monções de Cuiabá, é de certa forma, um prolongamento da história das bandeiras paulistas, em sua expansão para o Brasil central. Desde 1622, numerosos grupos armados procedentes de São Paulo, Paranaíba, Sorocaba e Itu, trilham constantemente terras hoje Mato-Grossenses, preando índios ou assolando povoações de castelhanos. (HOLANDA, 1989, p.43)

Na rota clássica das monções, segundo os autores, na década de 1720 foi fundado o sítio chamado fazenda de Camapuã. Devo ressaltar, a partir desse referencial teórico (HOLANDA, 1990), que as monções paulistas, no contexto do século XVIII, ao principiar das atividades empenhavam-se pelos caminhos de rios com grandes comboios de canoas e batelões na busca pelo ouro, e quando necessário a pé pelas florestas. Segundo os autores estudados, Holanda (1990) e Taunay (1981), nas rotas terrestres dos monçoeiros existiam os sítios de abastecimento, no qual o de Camapuã é o mais citado por ser o único que não havia tombado ao ataque dos indígenas hostis aos monçoeiros, principalmente os Caiapó e Guaicuru daquela região.

Nas expedições monçoeiras o eventual sucesso dos caminhos mistos dependia das rotas e das possibilidades do que poderiam usar, segundo Queiroz (2009) :

(...) nos trechos terrestres, meios de transportes eficientes vinham de carros de tração animal. Ora, veículos de rodas (inicialmente com tração humana) foram utilizados desde muito cedo, no varadouro de Camapuã, e, pelo visto acima, nada indica que as condições

físicas dos terrenos pudessem, por si sós, impedir a extensão de seu uso para percursos maiores. (QUEIROZ, 2009 p.203)

O transporte fluvial era fundamental para adentrar no interior inexplorado. As monções seguiam as trilhas dos indígenas da região, dessa forma achando passagens já feitas, adentrando e encontrando novas paisagens, dando-se então o reconhecimento geográfico para a exploração, o que contribuía para desconstruir o imaginário, muitas vezes de temor que se estabelecia sobre as terras desconhecidas. Desde o início da colonização o imaginário também era um componente básico do viajante para incentivá-lo à procura de riquezas, segundo Souza:

Desde cedo, as narrativas de viagens aliavam a fantasia e realidade, tornando fronteiras entre o imaginário e o real (...). A Europa setentrional e o Atlântico já se confundiam com o imaginário, sendo descritos quase como ficção: na primeira, os hiperbóreos viviam nas trevas; no segundo, havia uma quantidade de ilhas misteriosas. (SOUZA, 1986, p.24).

É necessário pontuar essas questões por ser, conforme a bibliografia em referência aos tempos modernos, o pensamento de quase todos os exploradores aventureiros. Muitos desses morreram em conflitos com os indígenas Guaicuru e Paiaguá, sem encontrar nenhuma riqueza importante para a economia, afora a mão-de-obra indígena.

Explorando essa temática nas fontes primárias, como os “Relatos Monçoeiros”, de Taunay (1981), procuro ampliar a visão sobre o indígena e a sua resistência indagando como principais sujeitos os Guaicuru, Paiaguá, Carapó, entre outros.

Observam autores como Siqueira, Costa e Carvalho (1990) que, mesmo durante as bandeiras, perigosas travessias de rios eram feitas como, por exemplo, no Tietê e Paraná, onde se era necessária a utilização de canoas de casca de árvores, as quais, segundo Holanda (1990), os exploradores “aprenderam com indígenas”. Conforme esse autor, tempos após, essas construções foram de grande valor para as monções. As riquezas em madeira às margens dos rios facilitaram a construção das canoas, jangadas, pirongas durante as expedições. Relatos encontrados a respeito dessas locomoções fluviais seriam de grande valor histórico, referente a esses indígenas canoeiros, como os Paiaguá.

Existem várias perguntas que se poderia fazer relacionadas à resistência indígena, pois o contato com o europeu os fez mudar seu modo de vida. Um exemplo disso são os índios Guaicuru que aprenderam o domínio do cavalo graças aos espanhóis. Mas, quais seriam as influências que os indígenas deixaram para os europeus? Isso fica bem claro nos relatos monçoeiros, quando da referência à construção das canoas de tronco, as quais eram feitas com a base no conhecimento indígena, pois logo no início das expedições, os

monçoeiros, em suas locomoções fluviais não suportavam longas viagens pelos rios, ainda mais ida e volta, com carregamentos de comidas e, na volta, o carregamento de ouro a partir do molde indígena. As canoas de tronco foram as melhores transportadoras de mercadorias, de alimentações e, principalmente, de ouro no percurso Cuiabá/ São Paulo.

As embarcações monçoeiras para as minas eram mais seguras e poderiam transportar um grande número de pessoas e produtos.

Caminhos monçoeiros

É a partir da análise da descoberta das minas em Cuiabá que podemos ver o surgimento das monções no século XVIII, com o seu caminho essencialmente fluvial. A notícia da descoberta do ouro se espalhou por toda a colônia, principalmente na Capitania de São Paulo. Com essa descoberta, começaram as expedições por rios para chegar até as minas cuiabanas. Naquela época os rios passaram a ser a maior rota de navegações entre São Paulo e Cuiabá, sendo um percurso perigoso e longo:

E, com efeito: parte alguma do globo as condições geográficas, demográficas, comerciais, coexistiram e associaram-se tão típicas, tão originais, quanto as que caracterizam esta via anfíbia de milhares de quilômetros de imensos percursos fluviais e pequenas jornadas terrestres: a estrada das monções entre os pontos terminais de Araraitaguaba e Cuiabá, separados por três mil e quinhentos quilômetros da mais áspera navegação com mínima solução de continuidade constituída por alguns quilômetros do varadouro de Camapuan. (TAUNAY,1981, p.17)

Logo de início, as rotas monçoeiras tiveram dois percursos pelos rios de São Paulo as minas de Cuiabá. Esses navegadores em ambos os caminhos passavam por intensa dificuldade em seu trajeto:

(...) O primeiro de 1719 a 1724, cujo trajeto era o seguinte: rio Tiete (antigamente conhecido como Anhemi), rio Grande, rio Anhanduí, Rio Pardo, travessia por terra dos Campos das Vacarias, rio Metedeu, rio Paraguai, rio Cuiabá.(...) Este segundo roteiro foi utilizado pela primeira vez no ano de 1725 e seguiu o seguinte trajeto: rio Tiete, rio Paraná, rio Pardo, rio Miranda, rio Sanguessuga, travessia, por terra do Varadouro de Camapuã, rio Coxim, rio Taquari, Rio Paraguai, Rio Lorenço e, Finalmente rio Cuiabá. (SIRQUEIRA, COSTA, CARVALHO, 1990, p.9).

Nesses trajetos os monçoeiros tinham que atravessar a colônia correndo vários perigos, um dos principais eram as hostilidades dos aborígenes que moravam as beiras dos rios. Uma grande vantagem achada pela segunda rota foi o sítio de Camapuã, que se formou em espaços estrategicamente terrestres como forma de abrigo seguro para os viajantes descansarem e se reabastecerem.

Para as monções, o rio Tietê era muito significativo, foi dele que se abriram passagens para outros rios importantes no trajeto, como o rio Paraná, rio Ivinhema, rio Anhanduí, rio Verde e rio Pardo, entre outros, dando direção às minas de Cuiabá. Paralelo ao rio Tietê temos o rio Paranapanema que também foi muito usado nas expedições monçoeiras. Segundo Holanda (1990), muitos bandeirantes e monçoeiros preferiam as rotas desse rio por concluírem ser um trajeto menor, ou melhor que o próprio rio Tietê.

Sabendo-se que muitos sertanistas, nos primeiros tempos, freqüentavam, de preferência ao Tietê, o rio Paranapanema, que era estrada mais fácil para reduções de Guairá, nada há de admirar nessa escolha. Para atingi-lo na parte navegável, aqueles que saíram de São Paulo caminhavam catorze ou quinze dias a pé, e, em seguida, rodando esse rio águas a baixo, iam dar no Paraná, quase um prolongamento da estrada fluvial representada pelo Paranapanema. (HOLANDA,1990, p.83)

Podemos perceber que as rotas monçoeiras, conforme a obra de Holanda (1990), seguiam de Porto Feliz denominado no contexto de Araritaguaba, desciam pelos rios Tietê e Paraná até o rio Pardo, chegavam em Camapuã onde descansavam e se estabeleciam, dali em diante continuavam a viagem pelo rio Coxim, Taquari onde desembocavam no Rio Paraguai. Daí por diante esses monçoeiros seguiam uma rota direta ao rio Cuiabá, e dessa forma chegavam ao final de sua jornada às minas de Cuiabá.

Na obra de Taunay (1981), vê-se que o rio Tietê corria da Capitania de São Paulo para os sertões, e nisso conforme o autor “o planalto empurrou o paulista para o interior”. E foi o rio Tietê, “que o fez sertanista e bandeirante”. Ou seja, não foi o sertanista que criou as estradas fluviais para seu uso, e sim as estradas que criaram os sertanistas, que se construíram conforme suas dificuldades.

Em vista de tais dificuldades, como as rotas que trafegaram durante mais de um século, de acordo com Holanda, foi a partir da segunda década do século XIX que as monções “tornaram-se cada vez mais raras, até desaparecerem completamente por volta de 1838.” (1990, p.65)

Para a história monçoeira, os rios foram a sua maior importância. Com eles foi construída a história de homens que se arriscavam em busca do ouro. É possível perceber que cada rio desse percurso teve sua importância e que sem eles a história das monções seria bem diferente, não tendo mesmo esse nome.

Os perigos encontrados pelos monçoeiros

Para ser monçoeiro era preciso ter espírito aventureiro, pois muitos morriam nessa jornada, inúmeros eram os perigos por eles enfrentados, em sua maior parte homens rudes,

preparados para enfrentar o desconhecido, ou pior que isso seus próprios medos. Grande parte do trabalho realizado nessas viagens cabia aos desclassificados na sociedade. Esses desclassificados eram homens pobres livres, negros e principalmente nativos, chamados de negros da terra.

No Brasil Colônia, era usual a expressão “negros da terra” para indicar os índios escravizados enquanto a denominação “Negros da Guiné” aludia genericamente aos escravos africanos, ao menos no século XVI. Desde o início da colonização, os portugueses recorriam a mão de obra indígena (...).(VAINFAS, 2001, p.428)

A relação entre colono e nativos transformou-se em escravidão. Os monçoeiros intensificaram as guerras contra as civilizações indígenas hostis como os Paiaguá, Guaicuru, Carapó que serão abordados mais adiante. Baseando-se nos autores, a utilidade dos bandeirantes e alguns monçoeiros era capturar escravos. No estudo das monções encontro esses sujeitos, “negros da terra”, sendo utilizados para transportar mercadorias nas costas, sendo cargas pesadas e úteis, ou seja, os próprios suprimentos de viagem.

O percurso monçoeiro era feito por caminhos aquáticos e terrestres. As dificuldades vivenciadas por esses caminhos vinham do encontro com índios, pestes, doenças, animais selvagens, insetos, e até mesmo dos rios em suas trajetórias e correntezas, onde muitos desses homens tombaram, sem deixar registros de suas passagens.

Durante o percurso dos rios suas maiores dificuldades eram as cachoeiras, que muitas vezes despedaçavam canoas se o proeiro se descuidasse por um instante. Na obra de Taunay (1981) são relatados vários diários de homens que se aventuraram por esses rios, em que muitos deles morreram nesses percursos ou saíram gravemente feridos. Outros rios davam a dificuldade por não acharem a pesca ou aves de caça para suprir a alimentação. Pior que isso era quando não se tinha água potável.

Quanto ao rio Paraná, na obra de Taunay (1981), sua fama era tal que havia a recomendação geral para que não bebesses a água. Nesta obra mais a frente fala que na época de cheias as águas dos rios Tietê e Pardo tornavam-se pestilentas, escuras onde “A água potável precisava ser colhida em certos ribeirões e bem a montanha de suas fozes, no grande rio”, ou seja, para a obtenção de água tinha se que sair de sua trajetória, motivo de grandes perigos para esses monçoeiros que, por vezes, tinham de sair dos rios e andarem por terra.

Quando as cachoeiras não tinham condições para a navegação, as bagagens eram carregadas nas costas dos escravos. Esses trajetos realizados pelos monçoeiros em terra poderiam durar horas, dias e até semanas. Nesse percurso, por muitas vezes os homens tombavam em vista de pestes e moléstias. Elas podiam ser adquiridas conforme seus

ferimentos, de espinhos de plantas, cobras e bichos venenosos, muitas vezes também por insetos. Em um dos relatos da obra de Taunay (1981), encontra-se à referência a uma epidemia de diarreia que assolou uma comitiva inteira no percurso terrestre:

Falando das epidemias que assolavam as expedições em marcha, referiu-se o Sargenomor a “uma dearreya geral por homens, mulheres e crianças, causando enorme mortandade, a que se supria na maior forma que permitiam a ocasião e o país, a uns dando-se-lhe remédios pela boca, a outros ajudando-se com cristeis, e outros remédios que usavam pela via para impedir a moléstia, de tal que, abriu-se via por extremo só se cura a poder de pimenta, pólvora e tabaco de fumo”.(TAUNAY, 1981, p.68)

Esses não eram motivos para que eles desistissem, pelo contrário, raramente um monçoeiro desistia de seu objetivo, de chegar às minas de Cuiabá e retornar com o ouro para a Capitania de São Paulo.

Inúmeras dificuldades são descritas nas obras de Taunay (1981) e Holanda (1990), mas além dessas existem muitos registros que podem ser encontrados em Relatórios de Províncias, os quais merecem uma abordagem, pois somente os homens que viveram no tempo histórico das monções poderiam descrever essas dificuldades com sua intensidade e vivência.

Uma das maiores pragas mencionadas pelos relatos monçoeiros eram os insetos que, como a psicose (que também é relatada no documento da obra de Taunay), provocada pelo sertão devido sensação de deserto que os navegantes muitas vezes sentiam, não escolhiam os homens que iriam atacar. Mas os insetos não atacavam a todos. Existiam alguns homens que se preveniam com mosquiteiros para dormirem, enquanto os negros, indígenas em geral os escravos dormiam em lugares que sobravam, de preferência em lugares úmidos, em copas de árvores onde dificilmente os mosquitos aparecessem. “Juzarte declara que os principais flagelos do Tietê e do Paraná vinham dos mosquitos-pólvora, borrachudos e pernelongos que atacavam em nuvens.”(TAUNAY,1981, p.69)

É claro que esse perigo de nuvens de insetos não se encontrava somente nos rios Tietê e Paraná. Conforme cada região relatada pode-se ver diferentes insetos, em diferentes locais navegáveis. Na obra de Taunay (1981), Juarez destacou em seus relatos as bernas que vinham dos insetos, que eram abundantes em todos os rios, causando todos os tipos de feridas. Existiam muitos casos em que as roupas conseguiam amenizar o ataque dessas pragas. Na prevenção do ataque desses insetos, como já mencionado, eram usadas redes e mosquiteiros, enquanto outros monçoeiros e escravos tinham que se contentar com a fumaça da fogueira, isso quando podiam, pois em determinados locais, acender fogueira era um risco de ataque dos indígenas.

São tais estes insetos que chegam a matar gente pela sua quantidade, além de ser finíssima a dor da sua picada e onde mordem logo incha.(...)A recruta das tripulações arrolava sobretudo escravos; e a messe de sofrimento que lhes era destinada desde a largada de Araraitaguaba de tal ordem que se torna realmente espantoso não se consignarem atos de reação contra a terrível servidão existente de tamanho sacrifício. (TAUNAY, 1981, p.67)

Essas dificuldades ocorriam tanto na ida como na volta para São Paulo, e em face de todas as dificuldades relatadas, não se pode esquecer de mencionar as populações indígenas, que fortemente atacavam essas expedições, e muitas vezes não deixavam sobreviventes. Dos indígenas temidos pelos monçoeiros destacavam-se os Guaicuru, Paiaguá, Caiapós, Bororó, Caxiponé, entre outros.

Segundo relatos encontrados nas obras de Taunay (1981) e de Holanda (1990), as três nações mais perigosas nos tempos das monções eram os Guaicuru, Paiaguá e Caiapó, que dizimavam expedições inteiras, tanto por rios como por terras.

Esses monçoeiros tais como os povos originários sofriam mortes terríveis e os que não a tinham assistiam seus companheiros. A fome, a sede, as pestes, malarias, diarreias, lutas com os indígenas, obrigaram esses homens a passar por inúmeras situações em busca do ouro de Cuiabá.

Algumas tribos resistentes às monções

Ao discutir a história do Brasil é impossível não falar dos indígenas, que atualmente se encontram em menor número do que foram no passado, no tempo das monções. Originalmente nos territórios por onde passavam os monçoeiros existiam diversas nações indígenas. Essas expedições comerciais, sob o ponto de vista das populações originárias eram compostas de estranhos entrando em seu meio, em seu território, mudando seu modo de vida. Os caminhos monçoeiros eram cheios de perigos, por várias situações, e ultrapassar a brava barreira de resistência oferecida pelos Paiaguá, Guaicuru e Caiapó era uma delas. Este último povo Caiapó se encontrava na travessia do rio Pardo, próximo à Camapuã. Segundo as obras eles eram uma união de várias nações, que formavam uma forte resistência contra os portugueses e espanhóis. Pode-se ver isso na obra *Monções* de Holanda (1990).

Os índios Paiaguá, de origem Guaicuru, do século XVI ao XVIII eram senhores do rio Paraguai e de outras localidades. Como prova disso, segundo Costa (1999), ofereciam uma valente resistência a todos os que ultrapassassem suas fronteiras desde os navegadores quinhentistas como Juan Sólis e Sebastian Caboto.

A destreza e agilidade desses índios, em suas canoas durante o combate, sempre foram admiradas pelos adversários. Pintados e emplumados, atacavam ferozmente estrangeiros. Sua tática era não ter medo. Escondendo-se nos sangradouros, baías e voltas de rio, de repente surgiam diante do inimigo, aniquilando-os. No século XVIII esses índios surgem no imaginário dos colonizadores como falsos e traiçoeiros. Conforme faziam prisioneiros, não deixavam sobreviventes.

Nos relatos de paulistas presentes na obra de Taunay (1981) há a descrição do percurso das viagens. São impressionantes as dificuldades e os perigos enfrentados por aqueles que se aventuravam nessas viagens. Os índios canoeiros são descritos sempre como valentes e astutos guerreiros: *“ferocíssimo Payaguá que navega pelo Paraguai; muito destro e bom pirata”*¹ relata a carta de um viajante nas monções. Quanto aos índios Paiaguá, Holanda (1990) se refere à carta escrita por um monçoeiro, encontrada na obra de Taunay (1981), em que os índios são vistos como destros na arte de navegar: *“ninguém sabia ao certo que índios seriam estes, tão destros na arte de navegar, nem onde habitavam, nem que nome tinham”*. Pode-se perceber que Taunay (1981) estaria falando da mesma nação indígena admirada pelos seus adversários, os Paiaguá.

Costa (1999), ao discutir os caminhos e paisagens do Pantanal não deixa de fora em suas referências aos relatos monçoeiros, os indígenas Paiaguá e Guaicuru, destacando que no ano de 1719 e 1768 deu-se a aliança entre essas duas nações:

Entre 1719 e 1768, tornaram-se ainda mais ameaçadores, com a aliança realizada com os Mbayá-Guaycuru. Neste período era praticamente impossível cruzar as terras inundáveis do Pantanal: na água espreitavam os anfíbios Payaguá e, em terra, os cavaleiros Guaycurú.(COSTA, 1999, p. 50)

Segundo os relatos encontrados, os Guaicuru eram índios “traíçoeiros e guerreiros”. O que os diferenciava das demais tribos era a destreza com os cavalos, sua agilidade com o arco e mais tarde com a lança. Corriam às margens dos rios e em pontos estratégicos eliminavam o que consideravam seus inimigos, os viajantes.

Na obra de Holanda (1990) vemos que o autor relata que Caiapó e Guaicuru eram rivais, e não podiam se encontrar, por isso, por onde uma tribo costumava passar a outra evitava aquela região. Entre eles permanecia a diferença de estratégias de como utilizar canoas e cavalos para guerras, e as semelhanças por defenderem a região da invasão

¹Carta de um passageiro de Monção, in: Taunay, 1981: 229 e Notícia 8ª prática, in: Taunay, 1981 : 190.

colonizadora que vinha crescendo contra a resistência indígena, particularmente na busca do ouro de Cuiabá.

Algumas Considerações

A partir dessa preliminar pesquisa, é possível perceber que as monções fizeram e fazem parte da história de “ocupação de Mato Grosso” e, por isso, ajudam a enriquecer a historiografia brasileira e regional. As fontes apresentadas merecem uma análise mais aprofundada, o que se busca fazer a partir da construção dos relatos das monções.

As características das monções são próprias, diferente das bandeiras, apesar de suas semelhanças. Nas monções vemos uma diversidade de sujeitos europeus, colonos, indígenas, negros que constituem essa formação social.

Dos relatos estudados aprendem-se as condições vividas pelos navegadores e populações originárias, as paisagens, os medos, as derrotas e vitórias. Dessas fontes podemos conhecer esses sujeitos que formam nossa história brasileira e regional.

Referências

COSTA, Maria de Fátima. **História de Um País Inexistente: O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII**. São Paulo: Estação Liberdade: Kosmos, 1999.

QUEIROZ, Paulo R. Cimó. **Uma Esquina Do Brasil: O Sul Do Mato Grosso Colonial e suas Vias de Comunicação (Projetos e Realidades)**. Fronteiras: revista de História/ Universidade Federal da Grande Dourado-v.11, n.19 (jan./jun. 2009) - . Dourados, MS: UFGD, 2009.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira; COSTA, Lourença Alves da; CARVALHO, Cathia Maria Coelho. **O Processo histórico de Mato Grosso**. Editora Guaicurus, Cuiabá, 1990.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro : Objetiva. 2001

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Monções**, 3^aed., São Paulo. SP, editora Brasiliense 1990.

TAUNAY, Afonso de E. **Relatos Monçoeiros**, São Paulo, Editora Itatiaia, 1981.